

ANNIE ERNAUX E A ESCRITA DOS VESTÍGIOS EM *OS ANOS E OS SUPER 8*

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de São João del-Rei

miriamvieira@ufsj.edu.br

Thalisson da Silva Machado

Universidade Federal de São João del-Rei

thalissondasilvamachado@gmail.com

Resumo

Este artigo investiga as interseções entre o romance *Os Anos* (2008), de Annie Ernaux, e o documentário *Os Anos Super 8* (2022), de Annie Ernaux e David Ernaux-Briot, a fim de explorar as relações entre memória subjetiva e objetiva por meio de registros em diferentes mídias. Com base no conceito de autosociobiografia, analisa-se como a autora transforma vivências pessoais em testemunho coletivo, articulando memória individual e história social. A partir da arqueologia das mídias, examina-se o papel dos registros audiovisuais e escritos na preservação e ressignificação do passado. A análise evidencia que a memória, embora enraizada em experiências íntimas, participa da construção da história factual, operando como elo entre o sujeito e os contextos históricos.

Palavras-chave: Annie Ernaux; Memória; Autosociobiografia; Arqueologia das mídias; História social.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Miriam de Paiva Vieira

Miriam de Paiva Vieira é professora do Departamento de Letras, Artes e Cultura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSJ, Brasil. Bolsista Produtividade CNPq/PQ2. Suas áreas de interesse são os estudos sobre a intermedialidade, éfrase, e relações entre literatura e arquitetura. Coordenadora do GT da Anpoll Intermedialidade: Literaturas, artes e mídias, é membro do conselho da International Society for Intermedial Studies, membro dos Grupos de Pesquisa “Intermídia” e “Leitura Comparada das Mídias” (certificados pelo CNPq) e credenciada nas associações IAWIS: International Association of Word and Image Studies e CRIalt: Centre de recherches intermédiales sur les arts, les lettres et les techniques. Entre suas publicações, destaca-se a coedição do *The Palgrave Handbook of Intermediality*.



lattes.cnpq.br/1117696028406532



orcid.org/0000-0001-9851-0217

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Thalisson da Silva Machado

Thalisson da Silva Machado é graduando em Letras – Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Seus interesses de pesquisa se concentram nos estudos literários.



lattes.cnpq.br/9034212108593609



orcid.org/0009-0007-0295-4237

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

ANNIE ERNAUX E A ESCRITA DOS VESTÍGIOS EM *OS ANOS E OS SUPER 8*

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de São João del-Rei

miriamvieira@ufsj.edu.br

Thalisson da Silva Machado

Universidade Federal de São João del-Rei

thalissondasilvamachado@gmail.com

Considerações iniciais

Alguns escritores se dedicam à invenção de mundos; outros, sem recorrer à ficção, revelam o já existente com uma precisão tão inexorável que sua verdade nos inquieta. Annie Ernaux pertence a essa segunda linhagem — talvez a mais perturbadora — pois, em vez de erguer mitologias, desnuda a substância fugidia da realidade. Sua obra não se enquadra na ficção tradicional, tampouco se acomoda nos limites da autobiografia. Antes, inaugura um território singular, onde o eu e o outro, a memória e a história, o íntimo e o coletivo, a ficção e a não ficção se entrelaçam como camadas de um palimpsesto, no qual cada existência se inscreve sobre rastros que jamais se apagam.

Não surpreende que a autora francesa, laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 2022, tenha definido sua escrita como *autosociobiografia*. Suas palavras são povoadas por vozes que não lhe pertencem inteiramente, por gestos anônimos, por ecos indistintos que atravessam tempo e espaço—como se cada existência fosse um reflexo multiplicado em espelhos, um instante fugaz na contínua tessitura da história.

Em sua entrevista ao *Louisiana Channel*, Ernaux sublinha a centralidade do tempo e da memória em sua literatura: “Acredito que o tempo é o grande elemento da literatura. [...] O tempo é minha matéria, e a memória, meu instrumento.” (LOUISIANA CHANNEL, 2023). Talvez o verdadeiro tema de sua obra seja, de fato, o tempo. Não o tempo cartesiano e mensurável, mas aquele que persiste e retorna, que assombra. Ernaux se aproxima do passado como uma arqueóloga de si mesma, mas logo descobre que suas lembranças não lhe pertencem inteiramente, pois compõem, junto a milhares de outras, um arquivo impessoal, uma biblioteca onde cada página já foi escrita por outra mão.

Há um inegável eco borgesiano nessa percepção. Como em um dos espelhos labirínticos de Borges, Annie Ernaux compreende que o tempo não é uma linha reta, mas um espaço fluido, onde as lembranças se dobram, se refletem e se multiplicam em infinitas

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

variações. Em *Os Anos* (2008), ela escolhe como uma das epígrafes uma sentença de Ortega y Gasset: “Temos apenas a nossa história e ela não é nossa.” A frase encerra um paradoxo essencial: acreditamos ser donos de nossas memórias, mas, ao evocá-las, percebemos que não passam de fragmentos dispersos de uma narrativa coletiva.

Diferentemente de suas narrativas anteriores, em que a experiência é relatada na primeira pessoa, *Os Anos* se constrói a partir de um distanciamento peculiar. A impessoalidade da terceira pessoa gera um estranhamento intrínseco, levando o leitor a observar esse terceiro indivíduo como alguém que, embora não nomeado, carrega em si fragmentos de muitas vidas. Ernaux, assim, desloca a narrativa do “eu” para uma perspectiva mais ampla e coletiva.

A foto em preto e branco de uma menina com maiô escuro em uma praia de seixos. Ao fundo, as falésias. Ela está sentada em cima de uma pedra achatada, as pernas grossas esticadas diante dela bem retas, o braço apoiado na pedra, os olhos fechados, a cabeça levemente inclinada, sorrindo. Uma grossa trança castanha caída para a frente, a outra deixada às costas. A cena mostra um desejo de posar com as estrelas da revista *Cinémonde* ou de um comercial de protetor solar e de escapar daquele corpo de menina, humilhante, sem a menor importância. (ERNAUX, 2008, p. 29)

Ernaux adota uma perspectiva impessoal, utilizando um sujeito coletivo e indeterminado que dissolve o “eu” em um fluxo mais amplo de memórias compartilhadas. Assim, suas recordações pessoais se entrelaçam aos grandes eventos históricos, compondo um mosaico que abarca seis décadas de transformações sociais, culturais e políticas. Do pós-guerra à ascensão da sociedade de consumo, passando pelos movimentos de Maio de 68, pela revolução dos costumes e pelos avanços tecnológicos, Ernaux constrói uma narrativa ao mesmo tempo íntima e universal. Sobre *Os anos*, a autora discorre em *A escrita como uma faca* que

[...] trabalharia assim em os anos, mergulhando nas minhas imagens do fim da Segunda Guerra Mundial até 2007, escutando de novo as falas das pessoas, as propagandas e as canções, depois analisando todos esses elementos e fundindo-os a uma espécie de narrativa épica moderna. (ERNAUX, 2022, p. 139)

Como uma “arqueóloga das mídias”, Ernaux escava os estratos das mídias, onde a narrativa pessoal e a história coletiva se entrelaçam. Na ordenação quase fatal dos suportes midiáticos, ela descobre uma linearidade que não é apenas cronológica, mas simbólica, onde cada registro — fotografia, diário, manchete de jornal — se torna vestígio e destino. Entre a intimidade e o tempo histórico, sua escrita caminha nessa zona de intersecção, onde o “eu” não pode ser separado do vasto fluxo da memória midiática.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ernaux realiza uma arqueologia das mídias nos termos concebidos por Siegfried Zielinski (*apud* ELSASSER, 2018), um dos pioneiros desse conceito. Sua escrita opera como uma escavação nas camadas mais profundas da história midiática, revelando não apenas vestígios aparentes, mas também desvios ocultos e trajetórias esquecidas que não se consolidaram na narrativa dominante. Em vez de aceitar a linearidade do progresso tecnológico e cultural, sua abordagem pragmática expõe fissuras e caminhos latentes.

A escrita da autora opera como um vasto arquivo da memória, no qual imagens, objetos e referências culturais são estabelecidos como marcos temporais. Como um arquivista melancólico, Annie Ernaux recolhe vestígios dispersos — a fotografia que captura o instante e o trai, o cinema que projeta sombras persistentes, os LPs e fitas K7 que ressoam com vozes há muito silenciadas, a VHS e o DVD, frágeis testemunhos de uma era efêmera. Cada um desses artefatos não é apenas um meio, mas um signo de sua própria época, um espelho oblíquo onde o passado se contempla e se reconhece na vertigem do presente.

E, no entanto, “todas as imagens vão desaparecer.” A sentença que inaugura *Os Anos* contém em si a fatalidade de um oráculo e a melancolia de um epitáfio. Nela se inscreve a certeza de que a memória é um artifício efêmero, condenado a desvanecer-se como vestígios na areia. E, se a lembrança se dissolve, também as mídias que a fixam — frágeis palimpsestos de um tempo em perpétua erosão — estão destinadas ao esquecimento.

A memória, esse labirinto de sombras e reflexos, não existe sem o artifício que a invoca. Como aponta James Cisneros (2019), não existe memória sem mídia. Cada lembrança é um eco projetado sobre um suporte, seja ele o pergaminho, o celulóide ou o código binário. Mas todo meio é também uma forma de esquecimento: ao registrar, seleciona; ao preservar, transforma; ao fixar, condena à ruína.

A fotografia, ao capturar um instante, apaga tudo o que ficou fora do quadro. O cinema e a literatura não reconstroem o passado, mas o reinventam, redesenhando suas fronteiras a cada nova interpretação. Os arquivos digitais, esses espelhos infinitos da modernidade, prometem eternidade, mas sua vastidão ameaça diluir o essencial no ruído interminável do supérfluo.

Se toda memória depende de uma mídia, nenhuma mídia é neutra. Ela dita o que pode ser lembrado dentro dos limites de sua materialidade, impõe sua forma à lembrança e, inevitavelmente, sucumbe ao tempo. O que hoje nos parece imutável amanhã será um código ilegível, uma língua extinta, um espectro entre as ruínas do esquecimento.

Ao longo das seis décadas que Annie Ernaux nos apresenta, as sucessivas metamorfoses dos meios de comunicação revelam mais do que meros indícios de progresso ou marcos de uma era; elas são vestígios de uma transformação mais profunda: a do próprio costume humano. Cada suporte traz consigo não só um registro da memória, como também a arquitetura invisível de uma cultura — um modo particular de ser e habitar o tempo. Na

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

materialidade desses dispositivos — do jornal à tela líquida dos aparelhos digitais — persiste a ilusão de que narramos o mundo, quando, talvez, seja ele quem nos conte a história.

Trocávamos a televisão por outra com uma entrada que pudesse se conectar ao videocassete e ao som. A chegada da novidade deixava as pessoas calmas, e a certeza de um progresso contínuo suprimia o desejo de imaginar o futuro. Elas recebiam os objetos sem deslumbre nem angústia, como um acréscimo de liberdade individual e de prazer. Com a chegada dos CDS não era mais preciso se levantar a cada quinze minutos para trocar o lado do disco, o controle remoto dava a possibilidade de ficar sentado no sofá a noite inteira sem ter de levantar. Os videocassetes realizavam o grande sonho de ter o cinema em casa. Na tela do Minitel, consultamos a lista telefônica, os horários do trem, o horóscopo e os sites eróticos. Finalmente era possível fazer tudo em casa sem pedir nada a ninguém e assistir, em close, ao sexo e ao esperma, no conforto do lar sem ficar constrangido. Já não havia nenhum espanto. Ninguém se lembrava de que um dia fora inimaginável poder ver algo assim. [...] Com a criação do walkman, pela primeira vez a música penetrava o corpo e nós podíamos viver nela se escondendo do mundo. (ERNAUX, 2008, p. 135)

Nas páginas de *Os Anos*, Ernaux parece sugerir que a ascensão dessas novas mídias reformulava o consumo e, ao mesmo tempo, alterava de forma sutil a própria arquitetura sensorial do indivíduo. O ouvido, que outrora se alimentava da música como um rito partilhado — uma liturgia coletiva ao redor de um rádio ou de um toca-discos —, passava a se encerrar em um êxtase solitário, no qual cada um se convertia no único espectador de sua própria sinfonia interior. O walkman, com sua promessa de clausura acústica, não era um simples objeto, mas um instrumento ontológico: permitia não só ouvir, como também habitar a música, moldando-a à medida exata do eu. Com os CDs e o controle remoto, o corpo já não se submetia ao ritmo imposto pelo mundo; os gestos antes necessários — virar um disco, levantar-se para mudar de canal — tornavam-se obsoletos, e com eles esvanecia-se a experiência da espera, do intervalo, da interrupção.

O videocassete, ao conceder ao espectador o domínio do tempo, ia além de simplesmente subverter a grade televisiva: instaurava um novo modo de percepção — a repetição infinita, o regresso imediato, a possibilidade de capturar e reviver imagens como quem manipula os próprios sonhos. O Minitel e seus sucessores aprofundariam essa transformação, ao eliminar o constrangimento da mediação humana e converter o desejo — erótico, informativo, estético — em um fluxo contínuo, sem obstáculos nem testemunhas. Assim, o que à primeira vista parecia um mero avanço técnico revelava-se, em essência, uma modificação profunda na própria textura da existência.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em *Os Anos*, em um desses momentos em que uma nova mídia e uma nova forma de registrar o tempo entram na vida de uma geração, Annie Ernaux descreve a sensação de adquirir uma câmera Super 8 da Bell & Howell: “Tínhamos a sensação de estar usando a modernidade para fins inteligentes” (2008, p. 106). A câmera, o projetor, os ruídos, a experiência de se ver—tudo isso trazia descobertas, estranhamento e até certo constrangimento. Na sequência, a autora descreve um dos filmes domésticos

A primeira imagem do filme mostra uma porta de entrada se entreabrindo – é de noite -, torna a se fechar e depois abre outra vez. Um menininho aparece, depois para, indeciso, com um casaco laranja, um boné com abas cobrindo as orelhas, pisca os olhos. Depois surge outro menino ainda menor, todo encasacado, usando uma jaqueta azul de forro branco com capuz. O maior está inquieto, o outro fica parado, os olhos fixos, parece que o filme parou. Uma mulher entra com um sobretudo marrom e longo, colado ao corpo, o capuz escondendo a cabeça. (ERNAUX, 2008, p. 107)

A cena descrita de um filme Super 8 realizado pela autora em *Os Anos* é um elo para o projeto *Os anos Super 8*, sendo a cena que principia a película. O documentário, realizado em colaboração com seu filho, David Ernaux-Briot, traz mais que um acervo de fragmentos filmados entre as décadas de 1970 e 1980, visto que pode ser entendido como um atlas de ausências e persistências, um conjunto de imagens que, ao mesmo tempo, testemunham e traem aquilo que um dia chamamos de realidade.

Ao revisitar seus filmes domésticos, registrados entre as décadas de 1970 e 1980, Ernaux extrapola a perspectiva das mídias como meros marcos históricos ou pontos paradigmáticos das gerações. Tal qual no projeto *Os Anos Super 8*, para além de revisitar suas inscrições, Annie Ernaux as reinscreve, as reencena, as obriga a ocupar um novo espaço dentro da materialidade do audiovisual.

O super 8, com sua textura granulada e sua materialidade analógica, não é apenas um suporte técnico, mas a própria inscrição da fragilidade do tempo. Conforme Cisneros (2019), o cinema analógico, ao registrar imagens em suportes físicos perecíveis, torna-se refém da deterioração. Ernaux, no entanto, resiste à sedução nostálgica que essas imagens poderiam provocar. Sua narração, precisa e deliberada, não se limita a reconstituir o passado, mas opera como uma arqueologia da memória, onde cada plano se expande para além da esfera pessoal e se dilata em uma cartografia coletiva. Tal como em *Os Anos*, a experiência individual é dissolvida na história comum, e a autobiografia cede espaço à topografia de um tempo histórico.

A questão central, porém, não está no que essas imagens revelam, e sim no modo como são vistas. Como propõe Cisneros (2019), a cultura (áudio)visual molda tanto a matéria das imagens quanto os modos de sua interpretação. Se um dia esses registros funcionaram como um diário visual familiar, hoje emergem sob outra luz: deixam de ser apenas fragmentos

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

de um presente preservado para se tornarem vestígios abertos a novas camadas de leitura. A nostalgia que permeia *Os Anos Super 8* não se enraíza nas imagens em si; reside, antes, na consciência de sua metamorfose. Ernaux, ao revisitar suas filmagens, já não é a mulher que nelas aparece — tampouco pode se confundir com aquela que as captou. Entre a cineasta de outrora e a narradora de agora, instala-se um abismo intransponível — não um intervalo a ser vencido, e sim uma fissura a ser reconhecida.

Essa duplicidade entre a captura e a rememoração evidencia o próprio estatuto da imagem filmada. Como testemunha, ela parece oferecer uma prova incontestável do que foi; mas, como toda testemunha, não é imune à reinterpretação. O que um dia foi ordinário ressurgue, agora, sob a sombra do desaparecimento. Para Ernaux, seu arquivo pessoal funciona como uma montagem cinematográfica, onde passado e presente se justapõem em cortes sucessivos, fazendo de cada quadro filmado tanto uma reminiscência quanto uma fragmentação da memória.

Mais do que um testemunho do que foi vivido, *Os Anos Super 8* é uma prova do que o tempo faz com aquilo que um dia chamamos de presente. A memória, nesse jogo de sombras e projeções, não constitui um meio de recuperar o passado; converte-o, sobretudo, em uma ruína viva, em uma imagem que, ao mesmo tempo que resiste, escorre por entre os dedos. Ernaux não reconstrói sua história: ela a interroga, submete-a a um olhar anacrônico, desloca-a da esfera íntima para a paisagem social.

Na narrativa de Annie Ernaux, escrita para o documentário, as imagens não são meras superfícies onde o passado se deposita inerte; funcionam como catalisadores de uma rememoração que, em vez de restaurar, recria. Cada quadro filmado resiste à linearidade do tempo, pois, ao ser revisitado, deixa de pertencer ao instante original para integrar um presente que o interpreta e transforma.

Como ressaltam Paula Sacchetta e Jonas Tabacof Waks (2022), a obra de Annie Ernaux desafia as formas tradicionais de registro do passado, transformando a memória pessoal em um campo de disputa narrativa. No documentário *Os Anos Super 8*, esse processo se intensifica, pois, a escritora revisita imagens filmadas por seu então marido, deslocando-as de seu contexto original e ressignificando-as à luz de sua própria escrita. Trata-se não só de relembrar, como também de reescrever — impondo à imagem uma nova camada de significado, aquela que lhe foi negada no momento da filmagem.

Mas ela inventou outra vida para si, e com o documentário pôde recontar sua própria história, deslocando-se do lugar em que seu marido quis colocá-la. O filme cobre justamente o período em que ela preparava uma outra vida, se separava lentamente do marido e era “definitivamente invadida pela escrita”. A nova vida consistia em ser livre e escritora, e uma escritora livre. 50 anos depois, a mulher incomodada dos anos 1970 dá o troco e constrói uma contra-narrativa em relação à imagem que o marido traça dela e daquela família. No

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

documentário, ela impõe sobre a imagem, finalmente, a palavra da mulher insatisfeita e deslocada, com texto escrito e narrado em *voice-over* por ela mesma. (SACCHETTA; WAKS, 2022)

Do mesmo modo, em *Os Anos*, Ernaux toma a mídia como fonte, um ponto de partida para uma narrativa (im) pessoal revisitada. No entanto, não se trata apenas de um registro passivo, de um espelho que reflete o fluxo da história. A mídia, em sua obra, funciona como um dispositivo de recomposição, um mosaico de imagens, sons e palavras que não apenas capturam o tempo, mas também o distorcem, fragmentam e reinventam.

Annie Ernaux atua como uma arqueóloga das mídias, escavando o passado não com pincéis e espátulas, e sim com palavras e imagens revisitadas. Seu trabalho em *Os Anos* vai além de lembrar; consiste em revelar — assim como um arqueólogo que, ao remover camadas de terra, reconstrói vestígios de vidas e tempos esquecidos.

Se a arqueologia tradicional busca fragmentos de civilizações soterradas, Ernaux mergulha nos registros midiáticos — fotografias, comerciais de televisão, manchetes de jornal, vídeos caseiros — para extrair deles tanto lembranças pessoais quanto traços de uma história coletiva. Como arqueóloga das mídias, ela não se limita a catalogar esses vestígios; os reinscreve, conferindo-lhes novos significados. Sua escrita vai além de um simples inventário do passado, configurando-se como um processo de ressignificação. Assim como um arqueólogo que recompõe um vaso a partir de cacos dispersos, Ernaux reorganiza essas imagens e documentos em um mosaico narrativo onde o individual e o coletivo se entrelaçam.

Sua operação remete à ilha de edição de um filme: diante de um material bruto composto por imagens gravadas, documentos esquecidos e vestígios dispersos da memória coletiva, Ernaux reorganiza os fragmentos, cortando, sobrepondo e reordenando cenas para gerar novas camadas de significado. O passado não constitui uma sequência linear e fixa; ao contrário, configura-se como uma montagem em processo, na qual cada corte e cada transição revelam aspectos antes ocultos — de si mesma, da história e da forma como a mídia molda nossa percepção do que foi. Tal qual um montador de cinema que reconstrói uma narrativa a partir de trechos desconexos, Ernaux manipula os registros do tempo, evidenciando que a memória não é um arquivo estático, mas sim um filme em constante remontagem, onde cada imagem e palavra podem ser ressignificadas.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Referências

CISNEROS, James. Nostalgia das mídias no cinema latino-americano contemporâneo. In: ARBEX, Márcia; VIEIRA, Miriam de Paiva; DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Orgs.). **Escrita, som, imagem: perspectivas contemporâneas**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 15-29.

ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia das mídias**. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

ERNAUX, Annie. **Os anos**. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. São Paulo: Fósforo, 2023.

ERNAUX, Annie; ERNAUX-BRIOT, David. **Les Années Super 8**. [S.l.]: Les Films Pelléas, 2022. 1 filme (62 min), son., color.

LOUISIANA CHANNEL. Writer Annie Ernaux: "I'm nobody when I write." 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NLkpEHhBHe4>. Acesso em: 18 fev. 2025.

SACCHETTA, Paula; TABACOF WAKS, Jonas. **Os anos de Annie Ernaux: o lugar da mulher em texto e filme**. *Revista Cult*, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-anos-de-annie-ernaux/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

**ANNIE ERNAUX AND THE WRITING OF VESTIGES
IN *THE YEARS* AND *THE SUPER 8 YEARS***

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de São João del-Rei

miriamvieira@ufsj.edu.br

Thalisson da Silva Machado

Universidade Federal de São João del-Rei

thalissondasilvamachado@gmail.com

ABSTRACT

This article investigates the intersections between the novel *The Years* (2008), by Annie Ernaux, and the documentary *The Super 8 Years* (2022), by Annie Ernaux and David Ernaux-Briot, in order to explore the relationship between subjective and objective memory through different media. Based on the concept of autosociobiography, the study analyzes how the author transforms personal experiences into collective testimony, connecting individual memory to social history. Drawing on media archaeology, it examines how audiovisual and written records preserve and reframe the past. The analysis shows that memory, though rooted in intimate experience, is key to the construction of historical narratives, acting as a link between subjectivity and broader historical contexts.

Keywords: Annie Ernaux; Memory; Autosociobiography; Media archaeology; Social history.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

**ANNIE ERNAUX Y LA ESCRITURA DE LOS VESTIGIOS
EN *LOS AÑOS* Y *LOS AÑOS SUPER 8***

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de São João del-Rei

miriamvieira@ufsj.edu.br

Thalisson da Silva Machado

Universidade Federal de São João del-Rei

thalissondasilvamachado@gmail.com

RESUMEN

Este artículo investiga las intersecciones entre la novela *Los años* (2008), de Annie Ernaux, y el documental *Los años Super 8* (2022), de Annie Ernaux y David Ernaux-Briot, con el objetivo de explorar las relaciones entre la memoria subjetiva y objetiva a través de registros en diferentes medios. Con base en el concepto de autosociobiografía, se analiza cómo la autora convierte vivencias personales en testimonio colectivo, articulando la memoria individual con la historia social. Desde la arqueología de los medios, se examina el papel de los registros audiovisuales y escritos en la preservación y resignificación del pasado. El análisis demuestra que la memoria, aunque anclada en la experiencia íntima, participa activamente en la construcción de la historia, funcionando como vínculo entre el individuo y los contextos históricos.

Palabras clave: Annie Ernaux; Memoria; Autosociobiografía; Arqueología de los medios; Historia social.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------